

FRIEDHILDE MARIA KUSTNER MANOLESCU
Master - Vanderbilt University

A TEORIA PURA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL:
EVOLUÇÃO E PROBLEMAS

Trabalho elaborado para o con
curso de Livre - Docência.

Salvador-Bahia

Junho 1970

A TEORIA PURA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL:
EVOLUÇÃO E PROBLEMAS

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a evolução e os problemas de alguns aspectos da teoria pura do comércio internacional. Será tratada a teoria Clássica de custos comparativos e a Neo-Clássica de proporções dos fatores de produção.

Consideramos apenas os aspectos reais da teoria pura do comércio internacional que se preocupa com as determinantes do volume do comércio, mediante os termos e padrões de troca.

Como estas teorias têm sido construídas sobre o alicerce de inúmeras hipóteses restritivas e apresentadas de forma estática, será necessário transformar as constantes dos respectivos modelos em variáveis a fim de torná-las realistas numa atual estrutura econômica internacional heterogênea, sujeitas a várias modificações.

Entretanto desejamos ressaltar que estas teorias têm recebido uma ampla atenção por parte de inúmeros estudiosos do problema / do comércio internacional, motivando uma série de polêmicas e estimulando o desenvolvimento de novos e mais aperfeiçoados conceitos / micro e macro-econômicos.

Desta forma tem como objetivo central o presente trabalho a coleta e análise dessas contribuições, a fim de fornecer ao aluno um instrumental mais condensado a respeito destas teorias, permitindo-lhe raciocinar sobre o emprego dessas proposições teóricas, a fim de possibilitar novas formulações condizentes com os problemas atuais.

Í N D I C E

	Pag.
I - Teoria Clássica	3
II - Teoria Neo-clássica	13
III - Problemas	
a) Teoria de custos comparativos ...	24
b) Teoria de proporção dos fatores .	27
c) Considerações Finais	30
B I B L I O G R A F I A	34

I - TEORIA CLÁSSICA

A teoria dos custos comparativos tem sofrido numerosas modificações a partir de quando, pela primeira vez, foi apresentada. Devem-se essas modificações aos esforços de novos pensadores, que se empenharam na tentativa de desenvolver novas bases teóricas, a fim de melhor explicar as origens do comércio internacional e as suas vantagens. Contudo, as modificações sofridas não afetaram a principal argumentação, que consiste no seguinte:

"se o comércio é livre, cada país tende a especializar-se na produção e exportação daqueles produtos em cuja produção goza de uma vantagem comparativa em termos de custos/ reais, e a obter através da importação, aqueles produtos/ que poderia produzir no próprio país, com a desvantagem / comparativa em termos reais. Tal especialização será mutuamente vantajosa para os países participantes"(1).

Afim de apreender claramente essa argumentação, devemos / considerar os seguintes pressupostos:

- 1) Dois países que produzem apenas dois produtos;
- 2) Custos de produção constantes (cf. teoria do valor trabalho);
- 3) Completa mobilidade de recursos no mercado interno e completa imobilidade no mercado externo, permitindo a completa especialização na produção de um bem;
- 4) Plena utilização dos fatores de produção;
- 5) Não se incluem custos de transporte;
- 6) Livre comércio.

David Ricardo

A teoria dos custos comparativos foi primeiramente formulada por David Ricardo na sua obra Princípios de Economia Política e Impostos, em 1817. Precisamente no capítulo sétimo da sua obra, Ricardo desenvolve os argumentos e formula considerações a respei-

1) VINER, JACOB - Studies in the Theory of International Trade, 1937, p.438 (citado por DOMÍNGUEZ, M. LORETO - Comércio Internacional, Industrialisation y Desarrollo Económico, Instituto de Desarrollo Económico - Banco Internacional de Reconstrucción y Fomento, 1964, p.6.

to da possibilidade de comércio entre países, e as suas vantagens.

O ponto de partida da teoria de custos comparativos de Ricardo é consideravelmente influenciado pelos ensinamentos de Adam Smith, baseando-se sua formulação na teoria do valor trabalho. Segundo esta teoria o valor dos produtos é proporcional ao montante de trabalho dispendido na sua produção; dado o livre comércio, a proporção pela qual os produtos são trocados, é uma função do / montante relativo do trabalho exigido para a sua produção. Assim, ao considerar o custo de produção de um bem Ricardo não enfatiza o preço pago aos insumos mão-de-obra, uso da terra, capital, etc.; razão pela qual mais tarde, no fim do século XIX, leva os marginalistas a se oporem à sua teoria. Considera entretanto que os valores de troca são determinados pelos custos da produção, sendo que os custos são apenas uma função das quantidades de trabalho (dias de trabalho). Desta forma, o custo da produção é uma variável independente das variáveis de utilidade e demanda e executa, a longo prazo, todas as importantes funções que determinam a posição relativa de cada produto dentro do sistema de troca.

Conseqüentemente, sempre que a produção em dois países se ja efetuada a custos (valor-trabalho) diferentes, será vantagem para ambos a especialização na produção daqueles produtos cujos custos (valor-trabalho) sejam relativamente mais baixos.

Sob estas condições transcrevemos a seguir o exemplo de / Ricardo:

Dias de trabalho necessários à obtenção de uma
unidade de produto nos respectivos países

PAISES/PRODUTOS	VINHO	TECIDO
Portugal	80 dias	90 dias
Inglaterra	120 dias	100 dias

Comparando-se os custos de produção (dias de trabalho) verifica-se que tanto a Inglaterra como Portugal podem produzir, no seu respectivo país, um produto a custos mais baixos do que o outro. Entretanto, comparando-se os custos de produção (dias de tra-

balho) dos mesmos produtos nos dois países, verifica-se que Portugal tem uma vantagem absoluta em produzir vinho e tecido a custos (dias de trabalho) mais baixos do que a Inglaterra. Obviamente, o último tem uma desvantagem absoluta em produzir os dois produtos a custos (dias de trabalho) mais altos do que Portugal. Se considerarmos Portugal e Inglaterra apenas duas regiões no mesmo país, dado o pressuposto da mobilidade interna dos fatores de produção, o capital e trabalho migrariam para Portugal, dada a sua vantagem absoluta em produzir vinho e tecido a custos (dias de trabalho) mais baixos. Consequentemente os dois produtos seriam produzidos em Portugal e, eventualmente, a Inglaterra produziria outros produtos favorecidos por menores custos (não produziria vinho nem tecido). Entretanto, segundo Ricardo, tais princípios não prevalecem senão para o comércio efetuado no mercado interno. Nas relações de comércio internacional, as trocas não são reguladas estritamente pela vantagem absoluta nem pelos custos de produção (dias de trabalho) e sim pela vantagem comparativa. Sob estas condições podemos considerar Ricardo o primeiro economista a formular uma teoria de comércio internacional distinta do comércio interregional, dado o pressuposto da completa imobilidade dos fatores de produção entre países.

"As mesmas regras que regulam o valor relativo das mercadorias no interior de um país, não prevalecem para o valor das que se trocam entre dois ou mais países... O trabalho de 100 ingleses não pode ser entregue pelo de 80 ingleses, mas o produto do trabalho de 100 ingleses pode ser entregue pelo produto do trabalho de 80 portugueses, 60 russos ou 120 homens das Índias orientais"(2).

Afim de apreender a argumentação dos custos comparativos de Ricardo não devemos comparar os custos e sim as relações (proporções) dos custos. Obviamente, comparando-se a relação dos custos de produção (dias de trabalho) de vinho nos dois países - 80 / 120 - com a relação dos custos de tecido nos dois países - 90/100 - observa-se que Portugal tem uma vantagem comparativa no vinho dada a diferença na relação dos custos, ou seja: $80/120 < 90/100$. Consi

2) RICARDO, DAVID- Principios de Economia Política e Tributacion, Fondo de Cultura Económica, México-Buenos Aires, 1959, p.103.

derando-se a perfeita mobilidade dos fatores internos e sua completa utilização, Portugal se especializará completamente na produção de vinho e a Inglaterra se especializará completamente na produção de tecido, dadas as vantagens da relação de troca. Em Portugal uma unidade de tecido é trocada por 1,125 unidades de vinho ou uma unidade de vinho é trocada por 0,88 unidades de tecido. Na Inglaterra uma unidade de tecido é trocada por 0,83 unidades de vinho, ou uma unidade de vinho é trocada por 1,2 de tecido. Desta forma será vantajoso para Portugal o comércio com a Inglaterra desde quando poderá obter através do comércio internacional por uma unidade de vinho mais de 0,88 unidades de tecido, assim como a Inglaterra poderá obter uma unidade de vinho por menos de 1,2 unidades de tecido.

Ricardo supõe que as relações de trocas internacionais sejam feitas na razão de 1:1; então a Inglaterra produz tecido com 100 dias de trabalho e recebe uma unidade de vinho, o que lhe custaria 120 dias de trabalho, e Portugal obtém uma unidade de tecido por 80 dias, o que lhe custaria 90 dias de trabalho. Certamente a divisão internacional do trabalho favoreceu um aumento da produção total. Os ganhos nos custos comparativos mostram que houve uma poupança no custo por unidade de produto: antes do comércio eram necessários 390 dias de trabalho para Portugal e Inglaterra produzirem os dois produtos (duas unidades de vinho e duas unidades de tecido); entretanto, depois do comércio internacional serão necessários apenas 360 dias de trabalho, para produzir as mesmas unidades nos dois países.

Ricardo mostra nas suas argumentações a possibilidade do comércio entre dois países, reconhecendo as vantagens da divisão internacional do trabalho. Deixa entretanto incompleta a parte do estudo que deveria se preocupar com a relação (proporção) em que se trocariam os diferentes produtos no mercado internacional (exportações e importações).

John Stuart Mill

Coube a John Stuart Mill a tarefa de concluir a teoria dos custos comparativos de Ricardo, argumentando que as relações de troca não dependem apenas das condições dos custos mas também

do esquema de demanda. Na sua obra Princípios de Economia Política, precisamente no cap. 18, dedicado à teoria dos valores internacionais, Mill elabora a "equação da demanda internacional", que mais tarde foi chamada de "demanda recíproca", estabelecendo que o valor da exportação de um país deve ser igual ao valor das importações do outro país, e as relações de troca são então determinadas pela "soma e extensibilidade da demanda", o que atualmente chamaríamos de elasticidade de demanda de importações para cada país. Em 1870 Marshall desenvolve a ilustração gráfica do conceito de "demanda recíproca" através do desenvolvimento de curvas de oferta, que são // curvas de demanda especiais, que expressam a demanda não em termos de preço por unidade de produto, porém em termos de oferta total do outro produto. Assim, derivadas as curvas de oferta dos dois países, poderá ser determinado o ponto de equilíbrio de troca e ser conhecido o volume da importação e exportação de cada país. Ilustramos na figura I, as demandas recíprocas através das curvas de oferta de Portugal e Inglaterra, para o exemplo de Ricardo, com ponto de equilíbrio na proporção de troca de 1:1; pode-se assim verificar o volume exportado e importado de cada produto por cada país : Portugal exporta OV de vinho por OT de tecido importado da Inglaterra.

Conforme a figura I, as linhas retas representam respectivamente a relação de preço de uma unidade de vinho trocada por uma unidade de tecido, e as linhas nos pontos extremos representam o preço dos dois produtos nos respectivos mercados internos. Conforme as considerações de Ricardo haverá vantagem para os dois países em negociar seus respectivos produtos quando a relação de troca internacional fôr igual a 1:1. Isso acontece justamente no ponto de equilíbrio, quando as curvas de oferta se cruzam, e os ganhos do comércio serão igualmente distribuídos.

Desta forma será necessário incluir-se mais um pressuposto para a completa verificação da teoria de custos comparativos: considerar que o esquema de demanda seja igual nos dois países, possibilitando que cada país se especialize mais na produção do que no consumo. Devemos entretanto lembrar que a teoria de custos comparativos requer que todos os bens sejam produzidos a custos constantes, desde quando esta teoria se fundamenta na teoria do valor trabalho, sendo assim, o preço interno é inteiramente determinado pela oferta. Necessita-se entretanto da demanda porque, apesar de produzir a cus

Figura I

Curvas de demandas reciprocas

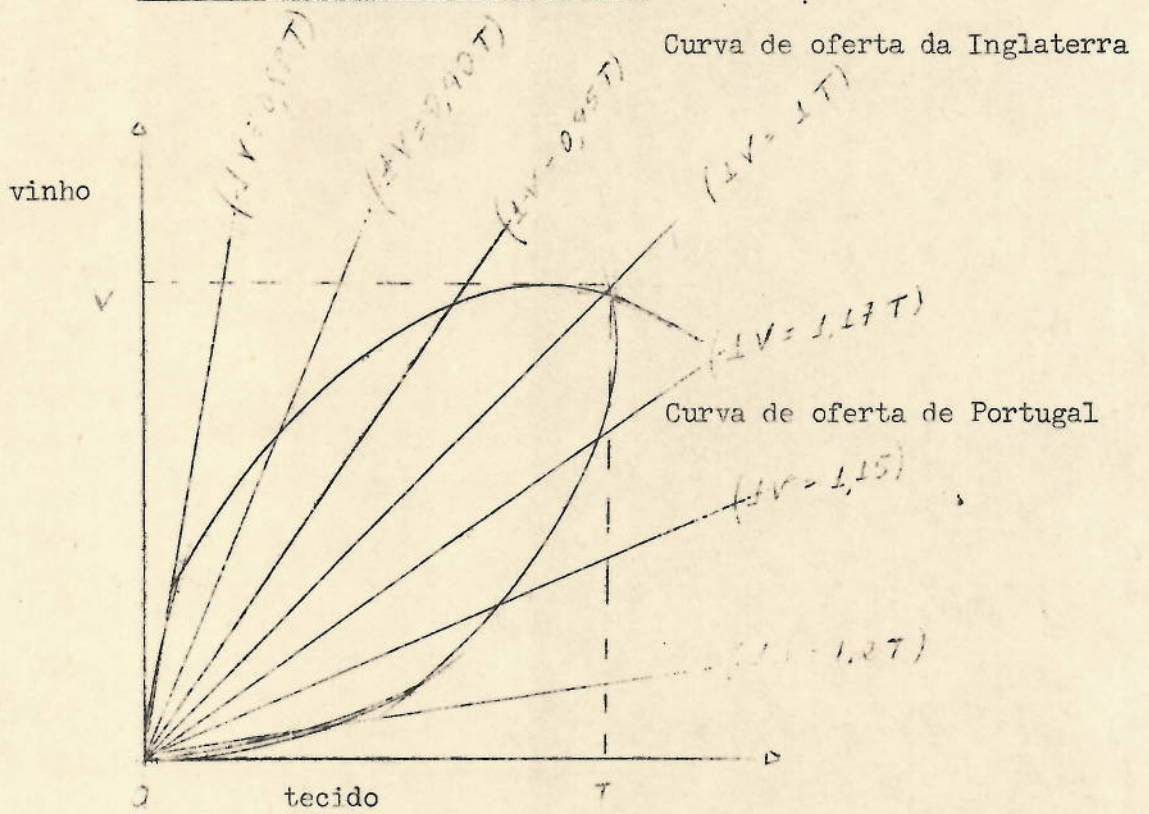
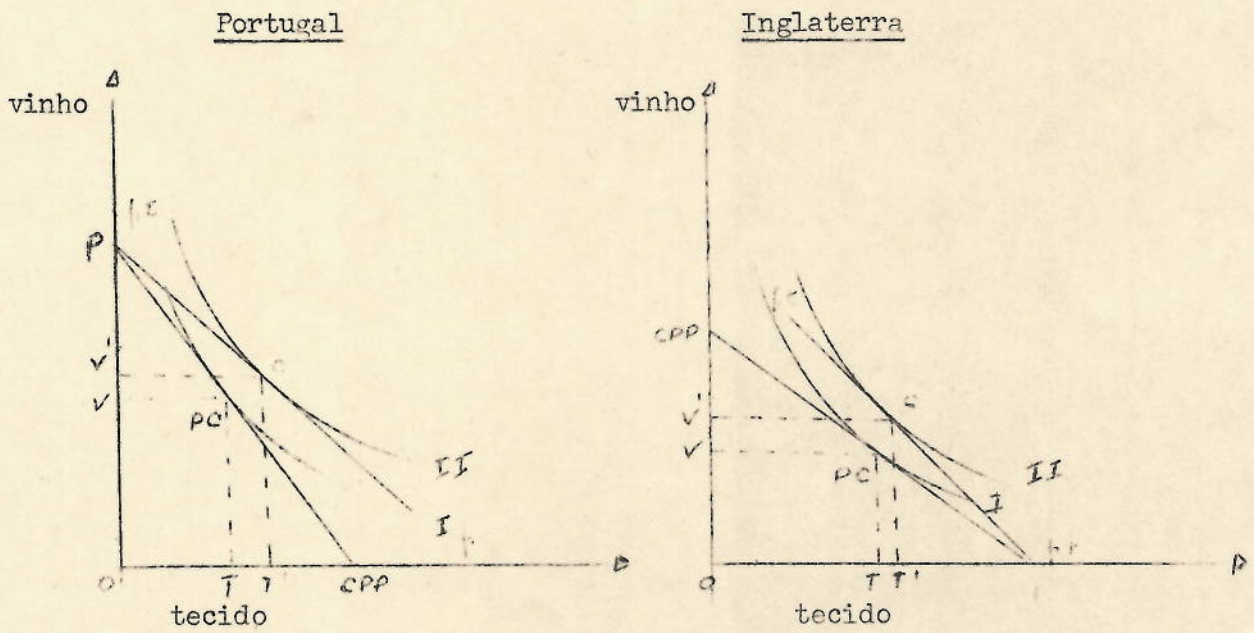


Figura II

Custos Comparativos



tos constantes no mercado interno, não será efetivamente produzido a custos constantes após o comércio internacional. Os preços internacionais são governados pela oferta e procura mesmo que os preços relativos de um país sejam determinados pelo valor trabalho.⁽³⁾

As versões mais modernas da teoria de custos comparativos não partem mais da teoria do valor trabalho, mas sim do conceito / de custos de oportunidade, e do uso de curvas de indiferença para mostrar as vantagens do comércio internacional e as suas quantidades trocadas.

Ilustraremos na figura II o exemplo de Ricardo mediante o conceito de custos de oportunidade, no qual consideramos que para produzir uma unidade de vinho ou tecido, estes não são apenas o resultado de um fator de produção (trabalho) e sim o resultado de // dois fatores de produção. Considerando que os custos são constantes, o que implica na perfeita mobilidade dos fatores de produção, à medida em que se deixa de produzir uma unidade de tecido em Portugal, os fatores serão plenamente absorvidos afim de aumentar a produção de vinho; o inverso ocorre na Inglaterra. Desta forma // torna-se possível que cada país se especialize completamente na // produção de um dos bens, após o comércio internacional.

Consideremos dois gráficos representando Portugal e Inglaterra. Desde quando os custos de produção são constantes, a curva / de possibilidade de produção é igual à linha de preço interno de cada país; entretanto, como desejamos analisar os efeitos do comércio internacional, será necessário considerar um esquema de demanda, o qual suponho ser igual nos dois países. A inclinação diferente das curvas de possibilidade de produção reflete que o vinho / é produzido a custos mais baixos do que o tecido (em termos de produto) em Portugal, e o inverso na Inglaterra. O ponto de equilíbrio é determinado quando a curva de possibilidade de produção (oferta) é tangente à curva de indiferença (demanda) nos respectivos pontos PC, o qual representa que antes do comércio internacional / cada país produz respectivamente os dois produtos, ou seja OV de

3) MARK, BLAUG- Economic Theory in Retrospect, Yale University - Richard D. Irwin, Inc - Homewood-Illinois, 1968, pag. 128.

vinho e OT de tecido, conformè as figuras. Observe-se também que o referido ponto PC também determina o consumo dos respectivos produtos na ausência do comércio internacional. Considerando o mesmo esquema de demanda nos dois países verifica-se que cada país produz uma maior proporção de bem para o qual tem uma vantagem comparativa, como seja $(OV_P > OT_P)$, $(OV_I > OT_I)$ e $(OV_P > OV_I)$, $(OT_I > OT_P)$.

Consideremos a possibilidade de comércio internacional, que será determinado através da linha pt , a qual é traçada afim de trazer benefícios iguais para os dois países. O ponto de produção após o comércio é determinado quando a linha de preço internacional é tangente à curva de possibilidade de produção, ou seja / nos respectivos pontos P, indicando a completa especialização na produção de vinho em Portugal e tecido na Inglaterra; desta forma / cada país deixa de produzir o produto em que tem uma desvantagem / comparativa. O novo ponto de consumo é determinado quando a linha de preço internacional é tangente a uma curva de indiferença mais alta, nos respectivos pontos C. Assim, Portugal produz OP de vinho, sendo OV' dedicado ao consumo e $V'P$ exportado para a Inglaterra, e importa OT' de tecido da Inglaterra para consumo. A Inglaterra produz OP de tecido, sendo OT' dedicado ao consumo e exporta $T'P$ para Portugal e consome OV' de vinho, importado de Portugal. Verifica-se que a exportação de um país é igual à importação do outro, como seja:

$$PV'_{\text{Portugal}} = T'C_{\text{Inglaterra}}$$

$$PT'_{\text{Inglaterra}} = V'C_{\text{Portugal}}$$

Desta forma o comércio internacional propiciou um aumento na produção e consumo dos dois produtos.

As versões mais modernas da teoria de custos comparativos não se fundamentam na suposição de custos de oportunidade constante. Haberler desenvolve uma série de argumentações justificando a validade da teoria de custos comparativos quando os custos marginais são decrescentes (4).

4) HABERLER, GOTTFRIED- "A Survey of International Trade"- Princeton University- Special Paper in International Economics- Vol. XI, 1968, p.213/229.

Entretanto, as modificações acima consideradas não afetam a argumentação de Ricardo, mas refinam em termos de teoria moderna geral de equilíbrio (5).

-
- 5) A literatura a este respeito é muito vasta, desta forma citaremos apenas alguns trabalhos: LEONTIEF, N. WASSILY- "The Use of Indifference Curve in the Analysis of Foreign Trade" - Readings in the Theory of International Trade, Richard D. Irwin, Inc. - Homewood, Illinois, 1950, pag. 229/238;
MEIER, M. GERALD- The International Economics of Development, cap.II, Harper & Row, Publishers, 1968, pag. 10/40.
HARRY, JOHNSON G.- Money Trade and Economic Growth- Harvard University Press- Cambridge, Massachusetts, 1962, cap.II, ps. 28/37;
KINDLEBERG, P. CHARLES- Economia Internacional, Editora Mestre Jou, São Paulo, 1966, cap. 6, ps. 117/133.

II - TEORIA NEO-CLÁSSICA

Em tempos modernos a teoria pura do comércio internacional tem dado mais um passo no seu desenvolvimento, através dos estudos de dois economistas suecos, Heckscher e Ohlin, que procuram explicar mediante um modelo as causas das vantagens comparativas.

Eli Heckscher (6)

Em 1919, este economista desenvolve um estudo no qual se preocupa com a influência do comércio internacional em relação a renda nacional, porém especificamente em relação a distribuição dessa renda. Seu objetivo principal é descobrir a influência do comércio internacional com respeito aos preços dos fatores de produção.

Bertil Ohlin (7)

Em 1933, Ohlin elabora um modelo de comércio entre duas regiões, as quais não diferem de países, pois são estas regiões / definidas dentro do conceito da teoria clássica ou seja em que // permite a perfeita mobilidade de fatores dentro das respectivas / regiões, entretanto não há possibilidade de transferência de fatores entre as regiões.

Este economista sendo aluno de Heckscher se preocupa com as argumentações do seu professor e formula um estudo sobre os problemas da tendência a igualização internacional dos fatores de produção que ficou sendo chamada " A lei da igualização dos pre-

-
- 6) HECKSCHER, ELI. - "The Effect of Foreign Trade on the Distribution of Income" - Readings in the Theory of International Trade - Richard D. Irwing, Inc.- Homewood, Illinois, 1950 ps.272/300.
- 7) OHLIN, BERTIL - Interregional and International Trade. Harvard University Press, 1933; citado no artigo de Heckscher e Haberler Gottfried "A survey of International Trade Theory". Princeton University, 1961, pg. 16/17.

ços dos fatores de produção de Heckscher Ohlin".

Heckscher Ohlin

A teoria de proporção dos fatores de produção consiste em explicar o comércio internacional com base na relativa dotação dos diversos países, em fatores de produção: diferentes países são dotados de diferentes proporções de fatores de produção; diferentes produtos requerem diferentes proporções de fatores de produção. Desta forma:

um país terá uma vantagem comparativa na produção e exportação daqueles produtos os quais usam intensamente o fator de produção relativamente abundante e importará aqueles produtos cuja produção requer intensivamente o fator de produção escasso, pois na produção deste, o país tem uma desvantagem comparativa dada a sua menor disponibilidade desse fator.

O modelo de Heckscher Ohlin analisa os efeitos das mudanças do comércio internacional na estrutura econômica interna de cada país, principalmente quanto à distribuição doméstica da renda. Mostrando que simplesmente o comércio internacional age de tal forma que o preço de todos os fatores de produção sejam iguais em todos os países que trocam os respectivos produtos.

A teoria clássica, segundo as formulações de Ricardo, encontrava as possibilidades de comércio baseada na diferença de custos comparativos em virtude de considerar que idênticas combinações de fatores usadas na produção de um simples produto produziriam diferentes quantidades de produto nos diversos países. Em linguagem mais técnica segundo Clement, Pfister e Rothwell, as diferenças de custo no modelo de Ricardo existiam porque as funções de produção para uma dada mercadoria variavam de um país para o outro e a extensão de variação diferia para as duas mercadorias. Entretanto na teoria de proporções de fatores de Heckscher-Ohlin, idênticas combinações de fatores resultará na produção de idênticas // quantidades de produtos em todos os países. Desta forma Lancaster

argumenta que Ricardo encontrou as razões para a existência do comércio internacional em virtude das diferenças quanto a técnica e know-how e todos os fatores combinados, entre os dois países.

O modelo de Heckscher Ohlin porém encontra as justificativas para o comércio internacional motivadas simplesmente pelas diferenças das proporções dos fatores de produção, implicando que // mesmo que haja uma perfeita transmissão de conhecimentos técnicos/ haverá sempre uma vantagem comparativa justificando o comércio internacional.

Afim de apreender as argumentações do modelo de Heckscher Ohlin, devemos considerar os seguintes pressupostos:

- 1) Dois países que dispõem de diferentes proporções de fatores, os quais produzem apenas dois produtos, e requerem portanto diferentes proporções de fatores;
- 2) A função de produção de cada produto é idêntica nos dois países. Contudo, cada produto tem uma diferente função de produção. Este pressuposto elimina diferenças quanto à tecnologia entre os dois países;
- 3) As funções de produção estão sujeitas ao retôrno constante de escala. Implicando que o aumento do produto/ é proporcional ao aumento dos insumos, eliminando desta forma, diferenças quanto ao tamanho dos respectivos países considerados. Assim, para uma determinada proporção de fatores usados na produção de um bem, o preço relativo dos fatores é idêntico. Desta forma o preço/ relativo dos fatores de produção depende apenas da proporção na qual estes são combinados no processo produtivo;
- 4) As funções de produção (isoquantas) são convexas. Indicand que, afin de manter uma determinada quantidade de um produto, será necessário uma maior quantidade de

um insumo de que depende no processo produtivo, incrementos maiores do primeiro insumo será necessário a fim de substituir uma unidade reduzida do outro produto;

- 5) As funções de produção são de tal forma que a relativa intensidade do fator prevalece a todos os preços de fatores no processo produtivo dos dois bens. Implica // que o produto considerado intensivo de capital permanecerá intensivo de capital após o comércio. São considerados apenas dois fatores de produção;
- 6) Perfeita competição no mercado de fatores e produtos, considerando completa mobilidade dos fatores no mercado interno e completa imobilidade dos fatores no mercado externo, e os fatores de produção são totalmente empregados, entretanto cada país não se especializará // completamente na produção de um bem;
- 7) A preferência do consumidor é idêntica nos dois países e permite que cada país se especialize mais na produção do que no consumo;
- 8) Não se incluem custos de transporte;
- 9) Livre comércio.

Afim de analisar o modelo de comércio internacional de Heckscher-Ohlin utilizaremos os instrumentos comumente empregados em microeconomia como seja: curvas de indiferenças, isoquantas, / curvas de possibilidade de produção e o diagrama conhecido por Edgeworth-Bowley box.

Consideremos dois países, A e B. Conforme o primeiro pressuposto do modelo o país A é dotado de uma maior quantidade de insumo trabalho do que o país B, conforme figura III. Consequentemente o país B é dotado de uma maior quantidade de insumo capital do que o país A, logo $(\frac{T}{C})_A > (\frac{T}{C})_B$. Os dois países produzem dois produtos a e b; conforme o pressuposto do modelo, as funções de

produção são homogêneas, desta forma o produto a necessita para a sua produção uma maior quantidade do fator trabalho do que o produto b, enquanto que o último requer para a sua produção uma maior quantidade do insumo capital, assim $(\frac{T}{C})_a > (\frac{T}{C})_b$. Conforme a fi-

gura III observa-se que a declividade da curva de possibilidade de produção $P_A P_A$ do país A é diferente da declividade da curva de possibilidade $P_B P_B$ do país B: esta diferença é simplesmente atribuída às diferenças na proporção dos fatores entre os dois países. Desta forma a vantagem comparativa pode ser interpretada como: para qualquer proporção de produção nos dois países afim de produzir uma unidade a mais do produto a, o país B terá que abandonar uma maior quantidade do produto b, do que o país A. Obviamente, afim de aumentar uma unidade do produto b, o país B abandonará uma quantidade menor do produto a do que o país A. numa linguagem mais técnica poderíamos dizer que, a taxa de transformação do produto a em produto b a uma dada proporção de produção nos dois países é mais baixa para o país A do que para o país B, refletindo-se pela menor declividade da curva $P_A P_A$ do que $P_B P_B$ nos seus pontos de interseção.

Antes do comércio internacional o país A e o país B produzem os dois produtos respectivamente nos pontos N e M, considerados pontos de equilíbrio desde quando as curvas de possibilidade de produção (oferta) são tangentes à curva de indiferença (demanda). Conforme o pressuposto de que as demandas são iguais nos dois países, esta é representada apenas por uma curva de indiferença tangente as duas curvas de possibilidade de produção. Desta forma observa-se através da declividade da linha de preço interno $p_a p_a$ no país A, que o bem a é produzido a custos mais baixos do que o produto b, enquanto que no país B, a declividade da linha de preço $p_b p_b$ indica que o produto b é produzido a custos mais baixos do que o produto a.

$$\left(\frac{p_a}{p_b}\right)_A < -18- \left(\frac{p_a}{p_b}\right)_B$$

Em virtude da diferença nos custos de produção, o país A terá uma vantagem comparativa em se especializar na produção do bem a, enquanto que o país B, terá uma vantagem comparativa em produzir o produto b.

Desta forma o país A após o comércio, passa a produzir no ponto N' enquanto o país B passará a produzir no ponto M'. Observe-se que cada país aumenta a produção daquele produto o qual tem uma vantagem comparativa, entretanto não abandona a produção daqueles produtos os quais produzem com uma desvantagem comparativa. Em outras palavras os dois países não se especializam completamente / em virtude do pressuposto do modelo, o que pode ser observado através da declividade das curvas de possibilidade de produção que assumem custos crescentes. Conforme a linha de preço internacional $p_t p_t$ tangente a uma curva de indiferença mais alta, juntamente // tangente a pontos mais altos das respectivas curvas de possibilidade de produção indicam que $(\frac{p_a}{p_b})_A < (\frac{p_a}{p_b})_t < (\frac{p_a}{p_b})_B$;

desta forma o comércio entre os dois países aumentará a relação de preço no país A e diminuirá a relação de preço no país B, tendendo a igualdade dos preços relativos dos produtos nos dois países. Assim, antes do comércio internacional nos respectivos pontos de equilíbrio N e M

$$\left(\frac{p_a}{p_b}\right)_A < \left(\frac{p_a}{p_b}\right)_B$$

Após o comércio internacional nos novos pontos de equilíbrio N' e M'

$$\left(\frac{p_a}{p_b}\right)_A = \left(\frac{p_a}{p_b}\right)_B$$

Para os dois países o comércio internacional permitiu um maior nível de satisfação em virtude da linha de preço $p_t p_t$ ser tangente a uma curva de indiferença mais alta, no ponto Q. A diferença entre os respectivos pontos de produção e consumo são supridas através das exportações e importações, onde as exportações do país A são iguais às importações do país B, e as exportações do país B são iguais às importações do país A.

Apresentamos através da análise acima o modelo de Heckscher-Ohlin mostrando que o comércio internacional tende a igualar os preços relativos dos produtos nos dois países. Passaremos agora a analisar o referido modelo mediante a relação dos preços relativos dos fatores de produção, o que vem esclarecer a igualdade dos preços dos produtos após o comércio internacional.

O box de Edgeworth-Bowley ilustra a alocação de dois fatores de produção, cada qual fixo na sua quantidade total, distribuído em dois tipos de uso. Conforme o modelo de Heckscher-Ohlin construímos dois lotes ABCD e AB'C'D' para os respectivos países A e B (conforme figura IV). Ambos os países tem uma origem comum para o produto a, enquanto que em virtude das diferentes proporções dos fatores de produção deveremos considerar duas origens separadas para o produto b. A dimensão do box ABCD indica a disponibilidade fixa de dois fatores de produção do país A e conforme as proporções, este país é relativamente mais dotado de fator / trabalho do que capital $AD > AB$ enquanto que a dimensão AB'C'D' representa a disponibilidade dos fatores de produção do país B, indicando que este país é relativamente mais dotado de fator capital do que trabalho $AB' > AD'$. O próximo passo consiste em // **derivar** as funções de produção homogêneas dentro dos boxes, representadas através de um conjunto de isoquantas para o país A e B, as quais permitem através dos seus pontos de equilíbrio (isoquantas do bem a tangente a isoquanta do bem b) derivar a curva máxima de eficiência para os dois países ou seja a curva OC para o país A e OC' para o país B. As linhas retas que acompanham as / curvas máximas de eficiência representam a proporção em que são usados os fatores trabalho e capital, afin de produzir as respectivas unidades dos produtos a e b. Desde quando é assumido de que as funções de produção são lineares e homogêneas tendo retorno de escala constantes, significa que ao longo da linha reta OC a proporção dos fatores é constante, desta forma se a relação trabalho e capital é constante, a produção é proporcional a quantidade de cada fator. Esta mesma propriedade prevalece em relação a ori

gen C'O. Observa-se que esta propriedade é a parte mais importante da análise do modelo. Consequentemente prevalece o teorema de Euler: a remuneração paga aos fatores de produção é igual as suas produtividades físicas marginais obviamente a renda auferida ao capital e trabalho também são constantes.

Através das curvas de possibilidade de produção na figura III, indicamos os custos de oportunidade em termos de se produzir/ uma unidade a mais de um produto, as custas do outro produto e determinamos assim os preços dos dois produtos no ponto N e M antes de ser efetuado o comércio internacional. Estes respectivos pontos podem ser derivados nos lotes, indicando o preço relativo dos fatores de produção, nos dois países.

Assim os pontos N e M nos boxes representam a completa utilização dos fatores de produção e conforme o pressuposto de constante retorno de escala, indica que a relação dos preços pagos aos fatores de produção são iguais a relação das suas produtividades / marginais, desta forma a remuneração de capital e trabalho são os mesmos dentro da proporção constante.

A estas combinações de fatores (ponto N), o preço relativo dos fatores de produção no país A é de tal forma que o fator capital (escasso) tem uma remuneração mais alta comparada com o preço relativo do país B (ponto M), enquanto que a remuneração do trabalho (abundante) é relativamente mais baixo do que de capital. O contrário acontece para o país B. Desta forma na situação antes / do comércio, enquanto a remuneração relativa dos dois fatores na produção do bem a é idêntico ao recebido na produção do bem b em cada país, o preço relativo dos fatores nos dois países não são iguais. Em virtude desta diferença dos preços relativos dos fatores existirá a vantagem comparativa em cada país se especializar na produção daquele produto, o qual requer uma quantidade maior do fator abundante de qual é dotado o país. Com o início do comércio a relação das proporções dos fatores usados na produção nos dois países é alterada, e consequentemente modificará o preço dos fatores de produção.

No país A, a produção do bem a se expande e b se contrai (movimento ao longo da curva de máxima eficiência em direção ao / canto OC). Logo o efeito do comércio é aumentar a relação capital/trabalho na produção dos dois bens. Isto decorre pelo fato / de que ao expandirmos a produção do bem a, as custas da produção do bem b, se abandona mais capital do que pode ser absorvido ao preço inicial de capital, desde quando o bem b é mais capital in / tensivo do que a, afin de reabsorver este capital, o preço do ca / pital declina. No país B, ao se expandir a produção de b, as cus / tos da produção de a, o efeito do comércio é aumentar a relação // trabalho/capital na produção dos dois bens, entretanto quando a- / bandenamos a produção do bem a, abandona-se uma maior quantidade / de trabalho do que pode ser absorvido aos preços iniciais de tra- / balho, desde quando o bem a é mais intensivo de mão-de-obra do / que b, afin de reabsorver este trabalho, o preço do fator traba- / lho tende a cair.

Desde quando os fatores de produção no equilíbrio são re / munerados de acôrdo com as suas respectivas produtividades margi- / nais, o comércio internacional chega através do modêlo a igualar / os preços dos fatores nos respectivos países. Observa-se que no / país A com o início do comércio internacional a produtividade mar / ginal do trabalho aumenta* de acôrdo com a lei das proporções va- / riáveis. No país B o qual passa a produzir, após o comércio, mais / do produto b, a produtividade marginal do trabalho declina enquan / to que a produtividade marginal do capital aumenta. Assim, os pre- / ços dos fatores nos respectivos pontos N' e M' (preços dados atra- / vés da linha paralela) nos boxes são iguais.

Devesmos entretanto lembrar que a igualdade dos fatores / de produção mediante o comércio internacional somente é válida / considerando os pressupostos anteriormente mencionados. Entretan- / to, se considerarmos a existência de funções de produção não-idên- / ticas entre os países, ou que as respectivas demandas sejam dife- / rentes chegaremos a outros modêlos em que haverá o comércio inter- / nacional mas não a igualdade dos preços dos fatores de produção⁹⁾.

9) Ver PEARCE F.I. and JAMES S.F. "The Factor Price Equalization Myth"- Review of Economics Studies nº 49, 1951, p.111/120; CLEMENT, PFISTER and ROTHMELL, op.cit., p. 40-77; HARRY, JOHNSON Money Trade and Economic Growth- Harvard University Press, 1962.

*) Enquanto que a produtividade marginal do capital declina.

III - PROBLEMAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A - Problemas da teoria de custos comparativos

A teoria de custos comparativos tem sido objeto de muitas críticas, desde quando pela primeira vez foi formulada, baseadas / em geral com dúvidas a respeito da validade dos pressupostos em que esta se fundamenta.

A primeira objeção apontada refere-se à teoria de Ricardo que considera apenas o fator trabalho como único fator de produção e assume para este completa mobilidade dentro do processo produtivo. Este fato fôra criticado por Haberler o qual argumenta que o fator trabalho não é homogêneo, nem tampouco móvel entre ocupações e localizações, principalmente a curto prazo (10). Considerado portanto este o grave defeito da teoria, pois já se faz sentir claramente que não existe apenas um único fator de produção, porém muitos, e que em sua maioria são quase imóveis quanto ao espaço geográfico, e considerados utilizáveis para usos específicos ou seja, podem apenas ser utilizados para um número limitado de alternativas. Desta maneira, não será possível atualmente se considerar apenas o fator trabalho e sim os "recursos produtivos" em geral.

Haberler então desenvolve o mesmo modelo teórico, entre - tanto, não mais pressupondo a teoria de valor trabalho, substitui/ Este conceito por de custos de oportunidade, ou seja a quantidade/ em que deve ser reduzida a produção de um bem a fim de se obter uma maior quantidade produzida de outro, levando-se em conta mais / de um fator de produção.

Uma segunda objeção a respeito da referida teoria diz respeito à demanda, como foi formulada por Stuart Mill, em complemento à teoria de custos comparativos de Ricardo. Para explicar a origem do comércio internacional, como vimos anteriormente, estes/ economistas usaram originalmente exemplos de dois países, cada um dos quais poderia produzir as mercadorias cujas demandas recíprocas eram de tal forma que os termos de intercâmbio caíam aproximadamente na metade das distâncias extremas de custos. Assim cada

10) HABERLER, GOTTFRIED - "A Survey of International Trade Theory", Special Paper in International Economics, nº 1, Julho 1961, p. 12.

país encontrava uma vantagem comparativa em especializar-se completamente na produção e exportação daquele produto que pudesse produzir a custos relativos mais baixos, desde quando os ganhos de troca do comércio se dividiam aproximadamente em partes iguais entre os dois países. Porém, a fim de chegarem a estas conclusões, não se deixava bastante explícito o tamanho dos países e a importância econômica das respectivas mercadorias trocadas. Desta forma, Graham(11) argumenta que se considerarmos dois países, entretanto sendo um país grande e outro pequeno, dada a relação dos custos cada um se especializará completamente na produção do bem que possui uma vantagem comparativa. Assim, no decorrer do processo produtivo o país pequeno estará completamente especializado na produção do bem considerado mais vantajoso, enquanto que o país grande está apenas parcialmente especializado porque a produção exportada pelo país pequeno não será suficiente para atender o consumo do país maior. Nestas circunstâncias, argumenta Graham, os termos de intercâmbio se movem a favor do país pequeno, em virtude destes determinarem os termos de trocas, termos necessários a fim de que o país maior continue as suas operações. Segundo estas argumentações a maior oferta que um país grande pode gerar pelas exportações de um país menor, fará com que os termos de troca se movam contra o primeiro e o forçará a diversificar. Desta forma, segundo Dominguez(12), existe uma probabilidade de um país grande se beneficiar tanto quanto o primeiro, pois as possibilidades de diversificar a sua pauta de exportações, afim de melhorar as relações de intercâmbio são muito maiores. Dado o fato de que países economicamente pequenos possuem uma variedade reduzida de produtos exportáveis, enquanto um país economicamente preponderante tem uma grande variedade de produtos exportáveis.

Um segundo ponto argumentado por Graham, diz respeito à importância econômica dos produtos trocados. Se considerarmos dois países do mesmo tamanho, entretanto após a completa especialização de cada país no produto mais vantajoso, um desses países não se sentirá preferido em pagar todas as suas exportações em pagamento do

11) GRAHAM, D. FRANK- "The Theory of International Values Re-examined" - Readings in the Theory of International Trade, 1950, p.304.

12) DOMINGUEZ, M. LORETO - "Comercio Internacional, Industrialización y desarrollo económico", publicación del Instituto de Desarrollo Económico BIRF- Washington D.C., 1964, pag. 14.

bem importado, em virtude de considerar este produto inferior ou seja de consumo não muito necessário, desta forma o país que se especializará na produção deste bem não será capaz de encontrar um mercado de amplitude necessária afim de pagar pelo seu total consumo / do outro produto. Assim os termos de intercâmbio se moverão contra o país que se especializa na produção do bem inferior, em relação / ao outro. Desta forma a especialização total poderia resultar na produção de uma das mercadorias em um volume maior do que o requerido para satisfazer a demanda conjunta de ambos os países, e gerando um déficit na produção de outra mercadoria. Assim as pressões opostas de uma maior oferta de um produto e uma relativa insuficiência de outro produto, agravará os termos de intercâmbio, até que um país encontre uma vantagem econômica em produzir também o produto que importa. A especialização completa se deve ao fato de que as duas mercadorias são produzidas a custos constantes, conforme argumentações de Ricardo, e que desta forma a própria oferta determinaria a relação de troca entretanto, conforme as considerações acima prova / perfeitamente a necessidade da demanda afim de não haver uma oferta demasiada do produto em que não haja a respectiva demanda, desde // quando são considerados apenas dois produtos e dois países, logo as exportações de um país são trocadas pelas suas importações.

Haberler levando em conta as argumentações acima desenvolve a teoria dos custos comparativos em termos de custos de oportunidades crescentes, em que cada país produz as duas mercadorias depois de iniciado o comércio; desta forma não havendo a completa especialização dos países nos referidos produtos. Em condições de custos de oportunidade crescentes, os custos marginais favoreceram a vantagem comparativa, desde quando um país continuará transferindo recursos para a produção da mercadoria em que seus custos marginais são mais baixos, até que o valor marginal do produto seja igual na produção dos dois bens. Desta forma, com custos crescentes é concebível que ambas as mercadorias possam ser produzidas simultaneamente em condições de equilíbrio para ambos os países. A hipótese de mobilidade perfeita assume que as relações de troca permaneçam nos extremos custos (no ponto em que as relações de custos marginais sejam iguais para todas as mercadorias produzidas em ambos /

os países) sendo desta forma desnecessário que um país qualquer trate de vender uma mercadoria dada em quantidades maiores do que os mercados disponíveis possam absorver, ou que um país não possa produzir uma quantidade suficiente para abastecer a todos os mercados. Segundo Kindleberger, os custos de oportunidade crescentes é a única hipótese realista que dá lugar a demanda recíproca. (13)

Desta forma, segundo as argumentações acima, nenhum país pode chegar a uma excessiva especialização porque os termos de intercâmbio se moveriam contra o país que naturalmente começaria a produzir os dois produtos. Por outro lado, conforme os pressupostos da teoria de custos comparativos nenhum país pode experimentar o problema de recursos ociosos, tais como desemprego em virtude da sua posição de competição perfeita e completa mobilidade dos fatores de produção. Como dissemos anteriormente, a mobilidade perfeita dos fatores de produção é dificilmente praticável a curto prazo, em virtude dos fatores serem usados para usos específicos, a falta de mobilidade dos fatores e a medida em que estes invalidam as conclusões da teoria foram criticados por Williams (14).

B - Problemas da teoria de proporção dos fatores de produção

O modelo de comércio internacional de Heckscher Ohlin absorve totalmente a teoria de custos comparativos, entretanto chega a um desenvolvimento mais amplo em virtude de relacionar o comércio internacional com a estrutura econômica, mediante a argumentação de que o comércio internacional proporcionará a igualdade dos preços dos fatores de produção nos referidos países. Devemos lembrar que este modelo se fundamenta em pressupostos mais restritos de que os apontados anteriormente, porém se aceitarmos os referidos pressupostos, poderemos chegar a uma série de conclusões quanto ao efeito das mudanças no comércio na distribuição interna da renda e à interrelação entre o comércio e os movimentos dos fatores, e quanto aos efei

13) KINDLEBERG, P. CHARLES- *Economia Internacional*, *op.cit.* pg. 105.

14) WILLIAMS, H. JOHN- "The Theory of International Trade Reconsidered"- *Reading in the Theory of International Trade* 1950, pags. 253/271.

das mudanças nos ganhos de comércio.

Abandonando-se a hipótese de que as funções de produção não permaneçam sempre intensivas em relação ao fator de produção considerado abundante em cada país, as conclusões serão outras. Johnson e Pearce (15) argumentam que não haverá possibilidade de igualar o preço dos fatores de produção se ambos países exportam bens considerados intensivos de mão-de-obra (em termos das suas/respectivas funções de produção) ou ambos exportam bens considerados intensivos de capital. O comércio internacional neste caso, provocará um aumento no preço de fator trabalho em relação / ao fator capital nos dois países, ou um declínio no preço deste / fator nos dois países. Um outro caso apontado por Lancaster para a não igualdade dos fatores de produção será quando a substituição do fator capital por trabalho (ou vice-versa) seja mais / fácil na produção de um bem que no outro, eventualmente o bem considerado intensivo de mão-de-obra passará a ser intensivo de capital; neste caso se considerarmos a completa especialização o país que exporta o bem intensivo de capital passará a ser considerado mais intensivo de mão-de-obra, e aquele país que exporta / o bem considerado mais intensivo de trabalho passará a ser considerado intensivo de capital.

Leontief⁽¹⁶⁾ aplica dados empíricos da economia americana a fim de chegar aos postulados da teoria. Apresenta uma tabela de insumo produto e analisa a composição de todas as importações e exportações para as quais são considerados dois fatores de produção ou seja capital e trabalho. Entretanto o resultado do seu estudo mostra que na composição dos bens exportados pelos Estados Unidos prevalecem produtos intensivos de mão-de-obra enquanto na composição dos produtos importados prevalecem produtos intensivos de capital. Esta conclusão trouxe uma série de polêmicas desde quando os Estados Unidos são considerados um país dota-

15) JOHNSON, HARRY - "Money Trade and Economic Growth" op.cit., p. 40 e PEARCE, F.I. "The Factor Price Equalization Myth", op.cit. pag. 118.

16) LEONTIEF, WASSILY - "Domestic Production and Foreign Trade ; the American Capital Position Re-examined" - Readings in International Economics, 1968, ps. 503/527.

do relativamente de uma maior proporção de capital do que mão-de-obra. Desta forma este país teria uma vantagem comparativa na exportação de bens intensivos de capital e importariam os bens intensivos de mão-de-obra.

Haberler(17) explica que Leontief no seu trabalho não operou com um modelo de apenas dois fatores de produção, porém muitos. Desde quando capital para Leontief é definido como recursos produtivos o qual inclui firma, equipamentos, construção, bens em processo e estoques. Além do capital e trabalho existe uma variedade de outros fatores como recursos naturais, capacidade empresarial, etc. Estes fatores sendo bastante heterogêneos em qualidade, torna-se bastante difícil a sua mensuração. Desta forma a existência de outros fatores além daqueles explicitamente / tratados implica que as funções de produção em termos de capital / e trabalho não são necessariamente homogêneos e que as funções de produção não são necessariamente as mesmas nos diferentes países. O próprio Leontief tenta explicar reconciliando suas conclusões / com as argumentações da teoria assumindo que o fator trabalho Americano é muito mais produtivo do que o fator trabalho no estrangeiro e se a oferta de mão-de-obra é medida em termos de "unidade de eficiência" do que horas de trabalho, os Estados Unidos deve / ser considerado um país rico em mão-de-obra e pobre em capital . Para Haberler a explicação de Leontief referente a mais alta produtividade do trabalho nos Estados Unidos resultante das suas superiores condições de habilidade, mais alto nível educacional e disciplina seria invalidada se comparada com outros países industrializados. Haberler conclue que o trabalhador dos Estados Unidos é superior em virtude da superioridade de cooperação de fatores outros do que capital como, capacidade gerencial, empresarial e recursos naturais. O que certamente ajuda a conciliar os postulados teóricos com os achados estatísticos.

Esta teoria se fundamenta em determinadas quantidades fixas de fatores de produção com respectivas funções de produção estabelecidas que assim forma as condições de oferta dos respectivos países. Destas condições de oferta é derivada o equilíbrio / do comércio internacional a fim de chegar as considerações a res-

17) HABERLER, GOTTFRIED - "A Survey of International Trade" - op. cit., pag. 22.

peito do preço de fatores e da renda. Afim de tornar esta teoria mais realista deveria se incluir mais de dois países e fatores de produção, como também segundo argumentações de Corden(18), a introdução no modelo de bens não negociados, bens intermediários, e economia de escala, mudanças tecnológicas como determinante do padrão de troca e custo de transporte.

C - Considerações Finais

Nos nossos dias não é possível relacionar o comércio entre países simplesmente fundamentadas nas teorias elaboradas por Ricardo e Heckscher Ohlin. O atual volume e composição do comércio não é somente o resultado da vantagem comparativa dependendo das diferentes proporções de fatores produtivos porém também de diferentes economias de escala motivada pelo progresso tecnológico, o qual propicia grandes diferenças nas estruturas econômicas em relação ao nível de prosperidade, além de ser também o resultado de vários controles e intervenções.

Os economistas clássicos consideravam que as forças econômicas determinavam livremente a localização geográfica dos centros de produção e supunham que os produtos fossem trocados sem restrições entre os respectivos países. Assim a preocupação desses economistas caracterizava-se da seguinte forma: assumindo um equilíbrio no balanço de pagamentos, quais são os ganhos do comércio e como estes ganhos são distribuídos entre os países. Desde quando não levam em consideração as mudanças na estrutura econômica, motivada por capacidade produtiva não utilizada e recursos ociosos, é concebível que os ganhos do comércio seriam divididos equitativamente. Desta forma a teoria clássica pode ser considerada irrelevante para os problemas das mudanças econômicas. Consideremos a crítica formulada por Prebisch, como segue:

"Teve a teoria clássica a virtude de haver reconhecido / os fatores que atuam na realidade. Todavia quer enunciada na sua primitiva e antiga forma, quer apresentada com as suas mais recentes modificações, essa teoria se projetou sobre o estático, limi-

18) CORDEN, M.W.- "Recent Development in the Theory of International Trade" - Special Paper in International Economics, nº7, março 1965, pag. 31.

tando-se a observar que qualquer perturbação pressupõe um deslocamento, em que se parte de uma posição de equilíbrio para ocupar outra, sem atribuir qualquer importância ao tempo exigido para que se efetue esse deslocamento. Sendo este o sentido da sua orientação, era impossível a aplicação desta teoria aos problemas do desenvolvimento econômico, uma vez que o curso deste processo é marcado por sucessivas perturbações cuja duração constitui fator de relevante importância"(19).

Quanto à teoria neo-clássica a respeito do modelo de Heckscher-Ohlin, que argumenta a tendência a igualação dos preços/dos fatores de produção em diferentes países como resultado do comércio internacional, realmente teve uma preocupação a mais do que a teoria de custos comparativos em virtude do relacionamento entre as estruturas econômicas e a distribuição da renda. Fatos históricos entretanto têm revelado grande desigualdade de renda entre países e essas desigualdades tendem a aumentar. Consideremos a crítica a esta teoria por Myrdal:

"Nas últimas décadas, enquanto as desigualdades econômicas internacionais cresciam e passavam a constituir preocupação real e premente da política internacional, a teoria do comércio internacional se desenvolvia no sentido de salientar, cada vez mais, a idéia de que o comércio iniciava uma tendência para a gradual igualização do preço de fatores e de rendas entre os diferentes países. A inadequação dessa teoria para explicar a realidade não pode ser medida pela demonstração da relativa falência do sistema de comércio multilateral, que funcionou antes da I Guerra Mundial, mudança que se relaciona, ao mesmo tempo como efeito e causa, ao aumento das restrições no comércio e nos pagamentos internacionais. Porque como Hiderdt observou, o confronto da teoria do comércio internacional com os fatos das desigualdades internacionais, no período anterior a 1914 revela a mesma discordância" (20).

A expansão do progresso técnico e as próprias condições / das estruturas econômicas dividiram a economia mundial de forma

19) PREBISH, RAUL - "Interpretação do Processo de Desenvolvimento Econômico" - Revista Brasileira de Economia - nº 1, março 1951, p. 53.

20) MYRDAL, GUNNAR - Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas, Rio de Janeiro, Editora Saga, 1968, p. 218.

que os produtos primários fossem produzidos nos países menos desenvolvidos, enquanto os bens manufaturados produzidos pelos países / mais desenvolvidos. Entretanto o que tem ocorrido como fato histórico é que as exportações de produtos primários em geral, salvo poucas exceções, aumentam em ritmo de crescimento lento, enquanto a demanda de importação dos produtos manufaturados tende a crescer com rapidez, tanto maior quanto maior seja o nível de desenvolvimento econômico, desta forma propiciando uma deterioração nos termos de trocas. Ao lado das grandes disparidades da renda entre estes dois tipos de estrutura econômica, os países menos favorecidos encontram a solução do problema mediante a diversificação da sua estrutura / produtiva. Entretanto encontram obstáculos em exportar os novos produtos em virtude das intervenções restritivas por parte dos seus // mais fortes concorrentes. Um outro aspecto que contribui para a não existência do livre comércio é a existência de recursos produtivos não utilizados, ou somente parcialmente utilizados por parte // dos países menos desenvolvidos, que a fim de aumentar a sua produção e conseqüentemente o nível de renda e bem estar usam dos instrumentos da política comercial, como tarifas a fim de proteger as suas indústrias incipientes.

Desta forma a crescente insuficiência dessas teorias em explicar o comércio entre os países mais desenvolvidos e menos desenvolvidos surge a necessidade de formular novas teorias que se preocupem com os efeitos do comércio no desenvolvimento econômico e de como o comércio afeta o crescimento e como o crescimento influencia o próprio comércio. Para tal fim as teorias analisadas tornam-se instrumentos não muito eficazes ao se elaborar uma política de comércio dentro de uma atual conjuntura econômica mundial tão heterogênea, sujeita a várias modificações. A fim de tornar estas teorias mais realistas seria necessário transformar as constantes dos respectivos modelos em variáveis.

O acervo das teorias econômicas aumenta sem cessar com o labor de muitas gerações de estudiosos e quase sempre são baseadas / em alguns pressupostos e apresentadas de uma maneira conveniente e oportuna, como modelos de apenas dois países, dois produtos e dentro da concepção de equilíbrio. Entretanto, desejamos ressaltar a perfeita validade das referidas teorias, considerando-se os seus //

respectivos pressupostos, e julgamos a importância do seu conhecimento em virtude do seu instrumental analítico, propiciado através de vários conceitos micro e macro-econômicos. Mostra a história / do pensamento econômico que novos e mais aperfeiçoados conceitos foram sempre desenvolvidos mediante considerações anteriores, assim, torna-se necessário para o estudioso em ciências econômicas, o // conhecimento de teorias anteriormente formuladas afim de introduzir novos conceitos e elaborar modelos mais aperfeiçoados.

* * *

B i b l i o g r a f i a

Livros

- CLEMENT, M.O., PFISTER, L.R., ROTHWELL, J.K. - Theoretical Issues in International Economics, Princeton University - Houghton Mifflin Company, 1967.
- RICARDO, DAVID - Princípios de Economia Política e Tributacion, Fundo de Cultura Economia, México-Buenos Ayres, 1959.
- HARRY, JOHNSON - Money Trade and Economic Growth - Harvard University Press - Cambridge-Massachusetts, 1962.
- KINDLEBERG, P. CHARLES - Economia Internacional - Editora Meste Jou, São Paulo, 1966.
- MARK, BLAUG - Economic Theory in Retrospect - Yale University - Richard D. Irwin, Inc. - Homewood - Illinois, 1968.
- MILL, STUART JOHN - Princípios de Economia Política - Fundo de Cultura Econômica - México-Buenos Ayres, 1951.
- MEIER, M. GERALD - The International Economics of Development - Stanford University - Harper & Row, Publishers - London, 1968.
- MYRDAL, GUNNAR - Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas - Editora Saga, Rio de Janeiro, 1968.

Artigos

- HECKSCHER, ELI - "The Effect of Foreign Trade on the Distribution of Income" - Readings in the Theory of International Trade - Richard D. Irwin, Inc. - Homewood, Illinois - 1950 - vol. IV, pag. 272-300.
- GRAHAM, D. FRANK - "The Theory of International Values Re-examined" - op. cit., pag. 301-332.
- LEONTIEF, W. WASSILY - "The Use of Indifference Curve in the Analysis of Foreign Trade" - op. cit., pag. 229-238.
- WILLIAMS, H. JOHN - "The Theory of International Trade Reconsidered" - op. cit., pag. 253-271.

-
- HABERLER, GOTTFRIED - "Some Problems in the Pure Theory of International Trade" - Readings in International Economics - Richard D. Irwin, Inc. - Homewood, Illinois - vol. XI, 1968, pag. 213-229.
- LEONTIEF, WASSILY - "Domestic Production and Foreign Trade - The American Capital Position Re-examined" - op. cit., pag. 503/527.
- SAMUELSON, A. PAUL - "International Factor-Price Equalization Once Again" - op. cit., pag. 58-71.

- CORDEN, M.W. - "Recent Development in the Theory of International Trade" - Princeton University - Special Papers in International Economics - nº 7, março 1965, pag. 24-34.
- DOMINGUEZ, M. LORETO - "Comércio Internacional, Industrialización y Desarrollo Económico" - Instituto de Desarrollo Económico, BIRF - Washington D.C., 1964, pag. 1-118.
- HABERLER, GOTTFRIED - "A Survey of International Trade" - Princeton University - Special Paper in International Economics, nº 1, julho 1961, pag. 12-24.
- LANCASTER, KELVIN - "The Heckscher-Ohlin Trade Model - A Geometric Treatment" - Economica - fevereiro 1957, pag. 19-26.
- PREBISH, RAUL - "Interpretação do Processo de Desenvolvimento Econômico" - Revista Brasileira de Economia, nº 1, março 1951, pag. 7-36.
- PEARCE, F.I. and JAMES, S.F. - "The Factor Price Equalization Myth" - Review of Economics Studies, nº 2, 1951, pag. 111-20.
- SAMUELSON, P.A. - "International Trade and Equalization of Factor Price" - Economic Journal, junho 1948, pag. 163-84.
- SAVOSNICK, KURT - "The Box Diagram and the Production Function", Ekonomisk Tidskrift, Setembro 1958, pag. 183-197.

